

A CONCORDÂNCIA NOMINAL DE GÊNERO NA COMUNIDADE CACERENSE¹

Jocineide Macedo Karim²



Resumo: No Estado do Mato Grosso coexistem diversidades linguísticas. Interessa-nos a variação na concordância de gênero que ocorre na fala dos nativos de comunidades no interior do Estado. Resultados obtidos em levantamento prévio apontam uma aparente substituição da variante regional, que conviveu durante muito tempo na comunidade, pela variante padrão. Partiremos do pressuposto de que o fato de as cidades do interior do Estado terem permanecido algumas décadas isoladas, por se limitarem com o a fronteira geográfica da Bolívia e, além disso, na faixa da fronteira, encontrarmos ainda uma população formada a partir do encontro entre os povos indígenas, supomos que os fatos apresentados venham a ser um dos fatores que influenciam a ocorrência de uma multiplicidade de variedades existentes.

Palavras-chave: sociolinguística; variação linguística; comunidade; concordância nominal.

Abstract: In the State of Mato Grosso, linguistic diversities coexist. We are interested in examining the gender concordance variation that occurs in the native's speech in the state community. Results obtained in a previous study indicate an apparent replacement of the regional variation that has long lived in the community by the standard variation. We start from the assumption that the cities in the state had remained isolated for some decades and had limitation for their geographic border with Bolivia. In addition, we find a population formed by the mixing of indigenous people. We assume that the facts presented will be one of the causes which affect the occurrence of a multitude of existing varieties.

Keywords: sociolinguistics; linguistic variation; community; gender concordance.

Introdução

A língua constitui um instrumento essencial para a interação do homem com sua comunidade e, através dela, o homem expressa suas ideias, transmite de geração em geração seus costumes e tradições. A língua é dinâmica, pois a todo instante em que é usada ocorre sua renovação e, ao longo da história, ela sofre constantes transformações.

Cada falante é, a seu tempo, usuário e transformador de sua língua. Em razão disso, e para o conhecimento real da cultura de uma determinada comunidade, não basta pesquisar sua história, seus costumes ou seu modo de viver. Portanto, é necessário vivenciar e observar a forma particular da comunidade se expressar por meio da língua e entender a realidade que a circunda.

Em determinadas regiões do país, as variedades linguísticas, ainda inexploradas, oferecem desafios a pesquisadores da área da Sociolinguística, embora em todas as comunidades existam variedades que são consideradas "superiores". Há sempre uma ordenação que valoriza as variedades em uso de uma determinada comunidade, refletindo a hierarquia dos grupos sociais; ou seja, em uma comunidade existem as variedades de prestígio e as não prestigiadas. Dessa

forma, a questão da língua padrão é considerada muito importante em sociedades como a nossa, que associam a língua ao poder socioeconômico e cultural.

No Estado de Mato Grosso, existe um campo muito amplo para a pesquisa linguística. Na cidade de Cáceres-MT, especificamente, as variedades linguísticas são muitas, devido à presença de grupos oriundos de várias regiões do país e da proximidade da fronteira com a Bolívia. Além disso, na faixa da fronteira, encontramos ainda uma população formada a partir do encontro entre povos indígenas, oriundos das regiões bolivianas (chiquitano, guató e mojo) e pantaneira do Alto Paraguai (bororo). Após passarem por várias mudanças, os descendentes de índios foram levados a inserir-se nessa comunidade e são chamados de "bugres", deixando de existir como grupo indígena, mas portando uma nova denominação étnica.

Nesse espaço, focalizamos o fenômeno linguístico da variação na concordância nominal de gênero. Observamos que a ausência de concordância de gênero se manifesta na comunidade cacerense em três situações distintas:

1. Pela indiferença ao gênero no uso de artigos com predominância do uso do masculino,



substituindo ou antecedendo palavras femininas: “vou **no** mamãe” (grifos nossos);

2. A não-marcação do feminino nos adjetivos, os quais podem ser usados no gênero masculino aplicados a seres femininos: “a infância era **maravilhoso**” (grifos nossos);

3. O emprego de pronomes masculinos para se referir a seres femininos: “assim aqui em casa eu tiro roupa de Vaninho, tiro meu”.

A variação da concordância nominal de gênero

As descrições da variação na concordância de gênero na língua portuguesa falada no Brasil não levam a conclusões tão unânimes como na concordância de número. Essas descrições são, na verdade, de certo modo, contrastantes. A respeito da variação na concordância de gênero dos adjetivos que se situam à direita do substantivo e nos processos de predicação, Amadeu Amaral (1920) afirma: “adjetivo e o particípio passado deixam, freqüentemente, de sofrer a flexão genérica: essas coisara da bonito, as criança távum quéto, as criação ficarum pestiado”. Rodrigues (1974) confirmou essa variação ao estudar a variedade.

Já Marroquim (1934), ao pesquisar a linguagem popular do Nordeste, atingiu resultados que indicam a direção contrária à maioria dos trabalhos já realizados. O autor afirmou que “perfeita concordância de gênero entre o adjetivo e o substantivo”. Nessa mesma direção, Veado (1982), pesquisando uma microrregião rural do Estado de Minas Gerais, concluiu que a regra de concordância de gênero ocorre de modo geral tanto na língua falada como na escrita. Essas afirmações contrastam com a afirmação de Amaral e de Rodrigues.

Ferreira (1994) relata uma pesquisa realizada na Vila de Helvécia, município de Mucuri, localizado na Zona Fisiográfica do Extremo Sul da Bahia, no início dos anos 60. Os inquiridores do **Atlas prévio dos falares baianos** (apud FERREIRA, 1994) entraram em contato com a comunidade para apurar se eram verdadeiras as informações verbais de que existiam, ainda, naquela área, vestígios de um falar crioulo na boca da população quase toda de negros.

É válido destacar que a comunidade de Helvécia, na Bahia, permaneceu isolada por muito tempo, devido ao difícil acesso. Certamente, os

nativos conservaram sua cultura, fixando um modo próprio de falar, o que reforça o entendimento de que as variedades linguísticas de uma comunidade estão estreitamente associadas ao seu próprio processo de formação cultural.

Já Lucchesi e Macedo (1997) observaram, entre outros fenômenos, a variação da concordância de gênero no português falado pelos índios no Parque Nacional do Xingu. Os pesquisadores concluíram que o nível de não realização da concordância de gênero no sintagma nominal atingiu um percentual de 80% do total de 907 sintagmas nominais que constituíram a base dos dados da análise. Os autores afirmaram que esses resultados ocorreram pela aquisição precária do português como segunda língua.

Lucchessi (2000) voltou a pesquisar a comunidade de Helvécia e estendeu seu estudo a uma outra comunidade no interior da Bahia, coincidentemente chamada Mato Grosso. Nessa comunidade, os resultados da pesquisa mostraram que o quadro de variação está estruturado em relação à concordância nominal de gênero. Já em Helvécia, há evidência de que a variação na concordância de gênero é o resultado de um processo anterior de transmissão linguística irregular. O resultado da análise mostrou um nível de variação um pouco inferior aos cinco pontos percentuais, demonstrando que há um processo de mudança em curso na comunidade de Helvécia. Esse quadro mostra a mudança em relação à situação anterior, quando a variação era mais ampla, como afirma Ferreira (1994).

Lucchesi (2000) ainda afirma que nas observações que fez junto a sete comunidades afro-brasileiras isoladas no interior dos Estados da Bahia, Piauí e Espírito Santo, a variação na concordância de gênero na comunidade de Helvécia-Bahia foi confirmada por uma análise sistemática. Embora para as demais comunidades o pesquisador não tenha realizado uma análise sistemática dos dados, suas observações não constaram a variação na concordância de gênero no interior do sintagma nominal, mas apenas nas relações de predicação, em frases como: “As coisas tá muito caro”.

A variação na concordância de gênero constitui, no panorama linguístico brasileiro, como pudemos observar, um fenômeno bem mais localizado do que a variação na concordância de número, dependendo muito das razões históricas de colonização de cada região.

Com relação à concordância de gênero no falar da comunidade de Cáceres-MT, notamos que os cacerenses utilizam vários modos de se expressar, por meio da linguagem padrão regida pelas normas da gramática e também pela linguagem regional. Nesta última, os habitantes nativos tendem a não concordar em gênero os adjuntos com o núcleo do sintagma nominal e verbal ou o predicativo com o sujeito, nas orações. Tendo isso em conta, restringiremos nosso estudo à variação exclusivamente de concordância – nível morfosintático de análise - que se verifica no interior do Sintagma Nominal e na relação de predicação no nível da frase, quando o núcleo do sintagma é constituído de uma palavra feminina.

Procedimentos metodológicos

Para descrever e analisar um fenômeno de variação linguística, detectado na fala dos habitantes nativos da cidade de Cáceres-MT, optamos por utilizar uma metodologia que se sustenta na perspectiva da Sociolinguística Variacionista Laboviana, desenvolvida pelo pesquisador norte-americano William Labov. Por meio de uma investigação sistemática, priorizamos uma abordagem estritamente sincrônica, utilizando, como suporte para a análise quantitativa dos dados, o Programa Estatístico VARBRUL.

Na fala dos nativos da comunidade de Cáceres, pesquisamos a variação na concordância de gênero. Como exemplo, citamos alguns trechos de entrevistas que representam a materialização do fenômeno na fala dos nativos:

- (7) “Só que chegou **no Elaine** que era...”.
 “**Esse** Jocineide, nunca minhas crianças...”
 “**Minha mãe** tinha o pitinho dela, mas se **ele** sentasse aqui cê num
 “sentia cheiro de pito de **minha mãe**...”
 “**Vou no casa** de mamãe”. (grifos nossos).

Conforme a teoria da Sociolinguística, as dimensões da amostra devem ser suficientes para que se possa observar, com segurança, a variação no tópico analisado, bem como para que possam ser consideradas as influências de fatores relativos à estrutura social da comunidade de fala, como: a idade, o sexo, a escolaridade dos informantes da comunidade de fala. As técnicas utilizadas na constituição da amostra de fala em que se baseia esta investigação e de outros fatores que

constituem os contextos linguísticos para expressar a mesma informação é denominada de variantes linguísticas.

O conjunto dessas variantes linguísticas constitui a variável linguística a ser analisada. Dessa forma, a escolha do uso de determinada variante é condicionada por vários fatores que podem ser linguísticos e extralinguísticos.

Entretanto, a ação de cada fator para esse condicionamento não é isolada. Dessa forma, cada contexto de ocorrência da variável analisada resulta da combinação específica dos valores igualmente variáveis de cada fator. A interferência de cada fator é medida separadamente, já que nos contextos de fala as ações dos fatores condicionadores são simultâneas.

A análise foi feita a partir da codificação nos valores atribuídos aos fatores linguísticos e extralinguísticos que foram selecionados. Primeiramente, o programa foi rodado e apresentou a atuação de cada fator condicionador. Dessa apresentação, constam as frequências de uso associadas a cada um dos valores das variantes e o nível de significância dos resultados obtidos.

O resultado final é constituído pelo percentual de frequência de cada um dos valores de todas as variáveis selecionadas pelo Programa como estatisticamente relevantes. Esses pesos relativos medem a frequência, numa escala que vai de zero a 99. O valor acima de 5 pontos indica uma ação condicionadora e quando da aplicação de determinada variante, os valores inferiores a 5 indicam uma ação desfavorecedora, sendo que os valores próximos apontam para a neutralidade do fator.

Dada a especificidade de cada etapa do trabalho investigativo, dividimos os procedimentos metodológicos em alguns tópicos, a saber: o *corpus* e a constituição das amostras, a coleta de dados, a entrevista e a transcrição.

O *corpus* e a constituição das amostras

O *corpus* analisado nesta pesquisa foi constituído com base em amostras de fala obtidas através de entrevistas gravadas na cidade de Cáceres-MT. Essa amostra de fala é composta de 36 entrevistas realizadas com informantes da comunidade, feitas de acordo com as técnicas da pesquisa sociolinguística (cf. LABOV, 1966; 1972), que foram adaptadas à realidade sociocultural da comunidade.



Observando o comportamento linguístico dos falantes da comunidade cacerense em relação às ocorrências das formas variantes da língua e principalmente das variantes em estudo, relacionamos essas formas variantes a fatores linguísticos e extralinguísticos. A variável dependente a ser analisada é constituída pela atuação ou não do mecanismo de concordância de gênero no sintagma nominal e verbal somente em palavras femininas. A partir da observação do uso na comunidade, selecionamos as variantes linguísticas *presença* e *ausência de concordância*, essa última subdividida em *ausência total* e *parcial*.

Os casos em que todos os constituintes do sintagma nominal estão marcados para feminino, concordando com o núcleo do sintagma, foram classificados como *presença de concordância* de gênero. Já os fatores extralinguísticos (sexo, idade e escolaridade) foram selecionados a fim de conhecer a possível influência exercida por eles em relação ao estudo na variação de concordância nominal.

Para a definição das dimensões da amostra básica desta investigação, seguimos os seguintes critérios:

- a) que os informantes e seus pais tivessem nascido na cidade de Cáceres;
- b) que pertencessem às faixas etárias de 20 a 30 anos; de 31 a 50 e de mais de 51 anos, com o grau de escolaridade em nível de 1º, 2º e 3º graus.

Optamos por um total de dois informantes para cada célula, que totalizou trinta e seis informantes. Escolhemos moradores do centro da cidade, pois os mesmos têm uma situação social mais privilegiada, acesso fácil à escola, ao trabalho, a uma vida social mais ativa e, no entanto, utilizam-se das variantes linguísticas em estudo em suas falas nos diversos momentos de interação na comunidade.

Entrevista

Decidimos utilizar como fonte de dados entrevista com falantes da comunidade. Estas foram colhidas com base no método de entrevista sugerido por Labov (1972) e Labov (TARALLO, 1997).

Analisando as sugestões feitas por Labov e procurando adequá-las ao contexto da comunidade cacerense, o planejamento para a coleta de dados foi efetuado da seguinte maneira.

Primeiramente, ocorreram contatos para definir o dia e o horário mais adequado para a realização das entrevistas. Já no segundo momento, as entrevistas foram gravadas, por meio de diálogos e narrativas. O nível de formalidade das entrevistas é, no geral, bem próximo ao informal, já que o objetivo é o de gravar a fala regional da comunidade. Os assuntos versaram sobre experiências vividas pelos informantes, que relembrou as brincadeiras da infância, a escola, as festas, as rezas, os desfiles, os medos, as tristezas, enfim, o seu cotidiano.

Antes da gravação da entrevista, utilizamos uma ficha a ser preenchida com alguns dados pessoais importantes que funcionam como complementares à análise: nome, idade, grau de escolaridade, local de nascimento e profissão.

O total de horas gravadas foi de aproximadamente trinta horas (30h), numa média de cinquenta minutos (50 min) para cada informante. Os dados foram registrados por meio de gravador portátil – na maior parte das vezes, na residência do informante, local determinado no primeiro contato.

A transcrição

Para garantir a fidelidade dos dados, as entrevistas foram cuidadosamente transcritas; o padrão de transcrição utilizado foi o sugerido por Marcuschi (1986) e Cintra (1992). O levantamento das ocorrências do tópico analisado foi feito diretamente nos textos orais e também após a digitação dos textos escritos da transcrição ortográfica das entrevistas. Nessa transcrição, buscou-se preservar ao máximo as características da fala dos informantes no nível da morfossintaxe e, especificamente, o que concerne à concordância nominal de gênero.

A transcrição foi armazenada em computador pessoal, com a utilização do processador de texto Word, versão Windows, da Microsoft. A partir da digitalização do texto foram selecionados e codificados apenas os trechos contendo a variação da concordância de gênero. Os códigos foram salvos no Word e transferidos para o Programa Estatístico VARBRUL.

Analisando a variação

Enfocamos a análise dos dados com base na teoria da Sociolinguística Variacionista. Analisamos

a frequência em que ocorre a variação na concordância de gênero na fala de dois informantes de ambos os sexos, considerando-se a faixa etária e o grau de escolaridade (primeiro, segundo e terceiro graus) por célula. Optamos por utilizar ordem numérica para representar cada informante.

No conjunto da amostra analisada, foram depreendidas 1.059 ocorrências de sintagmas nominais femininos e 115 casos em que a relação de concordância se estabeleceu no nível do sintagma verbal em palavras femininas.

O que se observa é um contraste acentuado quanto à aplicação da concordância segundo o nível analisado, seja o Sintagma Nominal ou o Sintagma Verbal. No primeiro caso, 96% dos dados apresentaram *presença de concordância de gênero*, o que corresponde a 1.018 ocorrências, como em (1). 4% restantes se distribuem entre *ausência total de concordância* (29 ocorrências), tal como em (2), e *ausência parcial de concordância* (12 ocorrências), como em (3):

- (1) “Na casa de minha avó”.
- (2) “Última festa que passei no dona Feliciano Motta roubaram o São Sebastião”.
- (3) “Já, não teve mais nada disso antigamente nós brincávamos hoje não brincam mais nós brincávamos até moça! Sabe? A turma nosso era grande...”.

Com relação ao sintagma verbal, o predomínio também foi de *presença de concordância*, embora menos acentuada que no caso do SN. 115 ocorrências no nível do sintagma verbal em casos femininos, 81 (70%) apresentaram concordância plena de gênero, como em (4), e 41 ocorrências (4%) se caracterizaram pela *ausência total de concordância*, tal como em (5):

- (4) “Minha mãe era cozinheira”
- (5) “Não era difícil a bola também era feito de meia (risos) era feito de meia a bola, você enfiava bastante... O que desse, né! De enfiar lá dentro assim roupa velha, alguma coisa, a gente enfiava e fazia a bola”

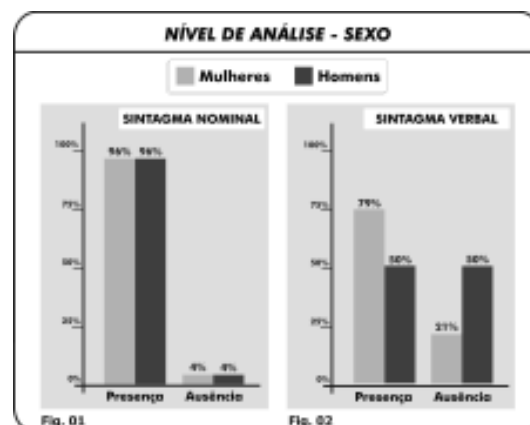
Desse modo, é possível uma primeira caracterização dos contextos em que ocorre a variação na concordância de gênero. O emprego da concordância, segundo a norma padrão, está, principalmente, circunscrito ao nível do SN, em que encontramos um alto índice de presença de

concordância. Observa-se, por outro lado, que o cacerense utiliza a regra de concordância no SV com uma frequência bem menor que no SN; dessa forma, a regra não-padrão – *ausência de concordância*, na relação entre o predicativo e o sujeito da oração, é muito mais utilizada, atingindo 30% de aplicação da regra.

Ressalte-se que a variante *ausência parcial de concordância* não apresentou uma diferença significativa em relação aos casos de *ausência total de concordância*, não pela qual as ocorrências dessas duas variantes foram amalgamadas na discussão dos demais grupos de fatores.

A variação de concordância segundo o sexo do informante

GRÁFICO 1: Frequência de ocorrências da variável dependente (presença vs. ausência de concordância) em relação à variável sexo.



O gráfico acima apresenta a variação de concordância segundo o sexo do informante. No nível do SN, a análise mostra que a *presença de concordância* no sintagma nominal atingiu o mesmo percentual, sendo 96% em ambos os sexos (correspondendo a 587 casos na fala das mulheres e 431 na fala dos homens). Quanto à variante *ausência de concordância*, a porcentagem também foi idêntica, apenas 4% de aplicação da regra na fala de ambos os sexos (25 ocorrências na fala das mulheres e 16 na fala dos homens). Constata-se, assim, que não há diferenças significativas entre homens e mulheres quanto à variação de concordância de gênero no nível do SN. Os índices apresentados na variante *presença de concordância* podem refletir uma aparente tendência à homogeneidade dos padrões de

comportamento linguístico da comunidade cacerense nesse contexto.

Por outro lado, observa-se uma diferenciação nos índices de concordância no nível do SV, apresentados na fala de ambos os sexos (79% que equivale a 64 ocorrências na fala de mulheres e 50% que equivale a 17 ocorrências na fala dos homens). O emprego da variante não-padrão atingiu o mesmo resultado: 17 ocorrências na fala das mulheres, que equivalem a 21%, e 17 ocorrências 50% na fala dos homens, o que expressa um alto índice de *ausência de concordância* na fala dos informantes do sexo masculino.

Apesar de apresentarem o mesmo número de ocorrências na variante *ausência de concordância* no SV, o índice na fala dos homens é mais alto. Ou seja, eles é que mantém viva a variante não-padrão. O que se percebe nesse contraste é que os homens usam mais a variante não-padrão que as mulheres. Na verdade, as mulheres estariam mais afetadas pela pressão normativa que os homens, dessa forma, elas estariam mais orientadas na direção do modelo de prestígio. Esses resultados indicam a mesma direção dos resultados de Palma (1984), que realizou uma pesquisa na cidade de Cuiabá-MT sobre a variação fonológica entre os segmentos africados e fricativos:

Em se referindo à influência do grupo sexo, pudemos verificar que o sexo masculino apresenta menor contribuição à ocorrência de forma com segmentos fricativos, ou seja, com segmentos de prestígio. Isto nos leva a concluir que os "homens" são mais conservadores que as "mulheres". São, poderíamos dizer, menos preocupados com o cumprimento das normas sociais. (PALMA, 1984, p. 86).

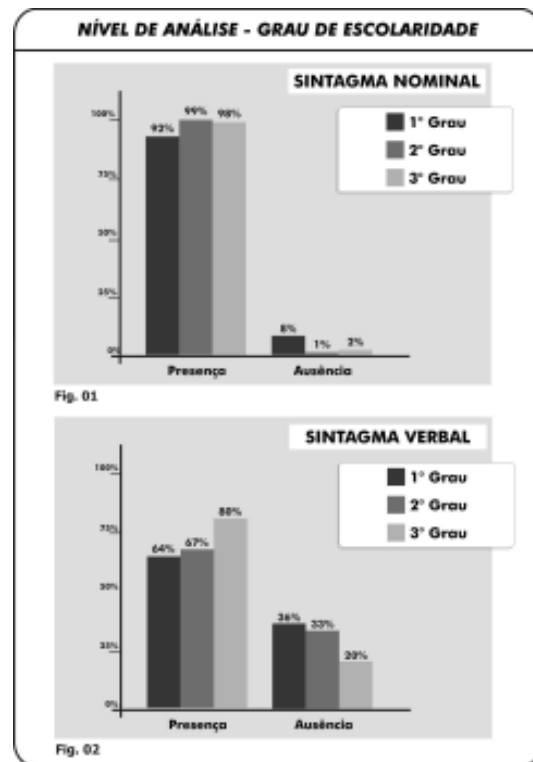
Estabelecendo uma relação nos índices apresentados nas figuras 1 e 2, verificamos que apesar de existir o predomínio da *presença de concordância* na fala das mulheres, o índice de *ausência de concordância* no SV superou o índice de *ausência de concordância* no SN. Isso demonstra que a variante *ausência de concordância* ainda se mantém na fala das mulheres, apesar da influência de vários outros fatores que forcem o condicionamento da variante padrão na fala da comunidade.

Portanto, o que se observa no gráfico 1 pode ser um reflexo da facilitação ao acesso da

comunidade por meio da integração da comunidade com outros municípios e Estados brasileiros, além de outros fatores, como: os meios de comunicação, a escola, o sexo, a idade. Dessa forma, o modo de vida alcança novos rumos e novos comportamentos numa sociedade capitalista, em que a variedade padrão passa a ser mais valorizada. Assim sendo, as demais variáveis serão analisadas a partir dessa visão, a de que a aparente mudança advém da influência dos fatores sociais.

A variação segundo o grau de escolaridade do informante

GRÁFICO 2: Frequência das ocorrências da variável dependente (*presença vs. ausência concordância*) em relação à Variável Escolaridade.



Os resultados das análises da atuação da escolaridade sobre a variação da concordância de gênero no sintagma nominal na variante *presença de concordância* totalizaram 1.018 ocorrências, sendo 355 ocorrências (92% na fala do 1º grau), 288 ocorrências (99% na fala do 2º grau) e 375 ocorrências (98% na fala do 3º grau). Com relação aos resultados da variante *ausência*

de concordância, o total foi de 41 ocorrências, sendo que 30 ocorrências (8% na fala do 1º grau), 3 ocorrências (1% na fala do 2º grau) e 8 ocorrências (2% na fala do 3º grau). Esses resultados confirmam, embora não de forma acentuada, a associação entre maior escolaridade e maior uso das formas padrão.

Observa-se que há uma diferença de 7% e 6% entre os dados colhidos de falantes com o 1º grau (ensino fundamental) e aqueles colhidos de falantes que possuem o 2º e o 3º graus, respectivamente. Apesar de pequena, essa diferença já é estatisticamente relevante. Ou seja, falantes mais expostos à influência da norma culta, por meio da escola, tendem a utilizar com mais frequência a variante padrão – *presença de concordância*. O inverso também é verdadeiro: os falantes que apenas completaram o ensino fundamental são aqueles que menos aplicam a concordância no âmbito do SN em palavras femininas.

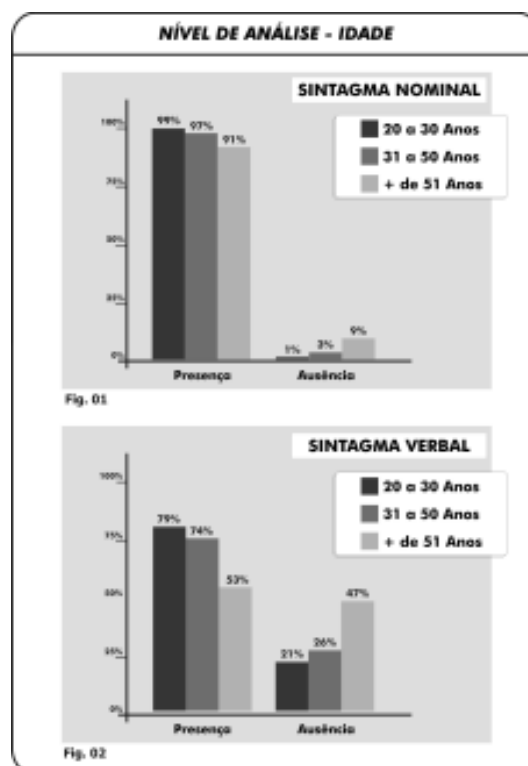
A segunda figura do gráfico 2, por sua vez, apresenta os resultados da atuação da variável *escolaridade* sobre a variação de concordância no nível do sintagma verbal. Da mesma forma do que constatamos para as ocorrências no SN, as diferenças percentuais não são acentuadas entre os três graus de escolaridade. Nos três casos, predomina a *presença de concordância* com índices significativos: 64% (32 ocorrências) no 1º grau, 67% (16 ocorrências) no 2º grau e 80% (33 ocorrências) no 3º grau. Se, no entanto, compararmos apenas os extremos – 1º e 3º graus, observamos uma diferença percentual que deve ser levada em conta: 16%. Quanto à variante *ausência de concordância*, chegamos ao total de 34 ocorrências, sendo 18 (36%) no 1º grau, 8 ocorrências (33%) no 2º grau e 8 ocorrências (20%) no 3º grau. É preciso assinalar, porém, que esse resultado vai no sentido esperado àquele observado no caso do SN, ou seja, o que se verifica é que os falantes com grau de escolaridade mais alto aplicam mais a concordância que aqueles que possuem apenas o 1º grau.

É interessante observar que se no contexto de SN a diferença mais significativa está na passagem do 1º para o 2º grau, no contexto de SV é entre o 2º e o 3º grau que se dá um aumento expressivo no emprego da concordância. Pode-se hipotetizar que a não-concordância no contexto de SN é uma forma mais saliente e estigmatizada. Por isso, percebe-se uma preocupação maior em eliminá-

la, que fica visível no contraste entre os índices de 1º e 2º graus. Já a não-concordância no contexto de SV seria uma variante menos saliente e que só mais tarde sentiria o efeito da escolaridade.

A variação na concordância segundo a idade do informante

GRÁFICO 3: Frequência das ocorrências da variável dependente (*presença vs. ausência de concordância*) em relação à Variável Idade



No nível do SN, os resultados demonstram, de forma consistente, que os membros da comunidade cacerense utilizam predominantemente a variante *presença de concordância* na fala, que totalizou 376 ocorrências (99%) na fala dos informantes de 20 a 30 anos, 386 ocorrências (97%) na fala dos informantes de 31 a 50 anos e 256 ocorrências (91%) na fala dos informantes com + de 51 anos. Notamos, porém, uma leve diferenciação entre as duas primeiras faixas etárias e a terceira: nas duas primeiras, o índice manteve-se estável, muito próximo de um uso categórico; na terceira faixa-etária, o índice de 91% de *presença de concordância* mostra, no entanto, que há uma

leve tendência entre os mais velhos a aplicar menos a concordância.

Esse último resultado é significativo, pois demonstra que os informantes com + de 51 anos mantêm, com um grau maior de resistência, a variante *ausência de concordância de gênero*, que atingiu 9% de aplicação da regra (25 ocorrências). Já a faixa etária de 20 a 30 anos atingiu apenas 1% de aplicação da regra (5 ocorrências) e os informantes de 31 a 50 anos atingiram 3% de aplicação da regra (11 ocorrências) da variante não-padrão. Os resultados indicam que os mais velhos estão mantendo a variante que, segundo relatos de habitantes antigos da comunidade, é característica do falar local, apesar da atuação de diversos fatores (os meios de comunicação, a escola, o sexo, a idade, etc.) que levam o informante a procurar uniformizar a sua fala, do uso por meio da variante-padrão.

Essa associação entre a faixa etária dos mais velhos e a forma não-padrão fica muito mais evidente quando analisamos os dados de variação no nível do sintagma verbal. Observamos um contraste bem marcado entre as duas faixas mais jovens e a terceira faixa, a dos mais velhos. Enquanto os primeiros se mantêm relativamente próximos aos índices gerais, os falantes mais velhos se distanciam significativamente daqueles resultados, revelando uma fala marcada fortemente pela variante *ausência de concordância*.

Esses resultados indicam, aparentemente, que está ocorrendo um processo de mudança linguística, na medida em que a variante não-padrão resiste principalmente na fala dos mais idosos. Essa tendência pode estar sendo condicionada por vários fatores, dentre os quais podemos citar: o fluxo de movimentos migratórios, a expansão dos meios de comunicação de massa, a abertura da rodovia federal BR 070, a atuação da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT).

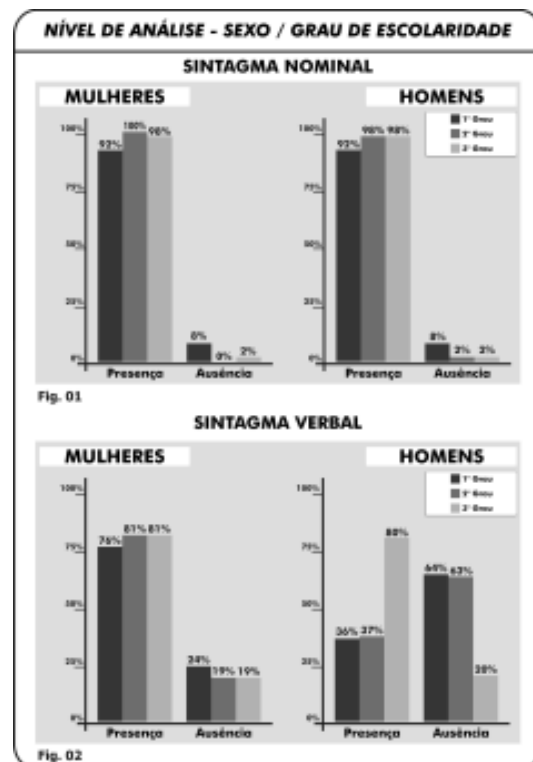
Os fatores socioeconômicos e culturais acima citados criaram as condições para que tivesse início um nivelamento linguístico, que tende a eliminar a marca característica da região, em função do padrão de realização da regra de concordância de gênero.

Se essa tendência parece inegável, os resultados da análise também nos mostram que mesmo entre os falantes que se aproximam mais da variante padrão, há diferenças a serem consideradas. O índice de 79% (38 ocorrências)

de *presença de concordância SV* para os falantes de 20-30 anos e 74% (26 ocorrências) na fala de 31-50 anos, em contraposição ao índice de 53% (17 ocorrências) na fala dos informantes com + de 51 anos, indicam a substituição da variante regional. Contudo, o resultado da variante *ausência de concordância* no SV atingiu 21% (10 ocorrências) na fala da 1ª faixa etária, 26% (9 ocorrências) na fala da 2ª faixa etária e 47% (15 ocorrências) na fala da terceira faixa etária. Esses resultados sugerem um processo de mudança.

A variação segundo o cruzamento das variáveis sexo e escolaridade do informante

GRÁFICO 4: Frequência das ocorrências da variável dependente (*presença vs. ausência de concordância*) em relação as Variáveis Sexo e Escolaridade



A partir do gráfico 4, apresentamos os cruzamentos das variáveis linguísticas e extralinguísticas para observarmos o comportamento dessas variáveis com relação à frequência de uso da variante *presença vs. ausência de concordância de gênero*.

Na primeira figura do gráfico temos os resultados do SN segundo o sexo e o grau de

escolaridade. Tanto os homens quanto as mulheres com o 1º grau de escolaridade aplicam em 92 % da regra de concordância, diferenciando apenas no número de ocorrências (234 ocorrências na fala das mulheres e 121 ocorrências na fala dos homens). Dessa forma, ambos os sexos empregam em apenas 8% (20 ocorrências na fala das mulheres e apenas 10 na fala dos homens) a variante não-padrão (*ausência de concordância*).

Com relação aos resultados do 2º grau, no SN as mulheres atingiram 100% (134 ocorrências) de aplicação da regra de concordância, em contraposição aos homens, que atingiram 98% (154 ocorrências). Desse modo, os resultados da variante *ausência de concordância* atingiram somente 2% (3 ocorrências) na fala dos homens. Já os resultados do 3º grau atingiram o índice de 98% para ambos os sexos, diferenciando apenas o número de ocorrências (219 ocorrências na fala das mulheres e 156 na fala dos homens). Por isso, a variante *ausência de concordância* atingiu apenas 2% (5 ocorrências na fala das mulheres e 3 na fala dos homens).

Os resultados da figura 1 mostram que a aplicação da regra de concordância no SN é quase total. Desse modo, a atuação da variante *ausência de concordância* teve um índice baixo e percebemos que o fator principal dessa diferença na atuação das variantes é o grau de escolaridade. Com esse resultado, reafirmamos o argumento que quanto maior o grau de escolaridade, menor a frequência da variante *ausência de concordância*.

Na figura 2, temos resultados diferentes para as variáveis sexo e escolaridade no SV. Esses resultados mostram que as mulheres da comunidade cacerense estão usando alto índice da variante padrão, e esse índice aumenta conforme o grau de escolaridade. No 1º grau, na fala das mulheres, a *presença de concordância* atingiu 76% (26 ocorrências) em oposição ao índice de 36% (6 ocorrências) na fala dos homens.

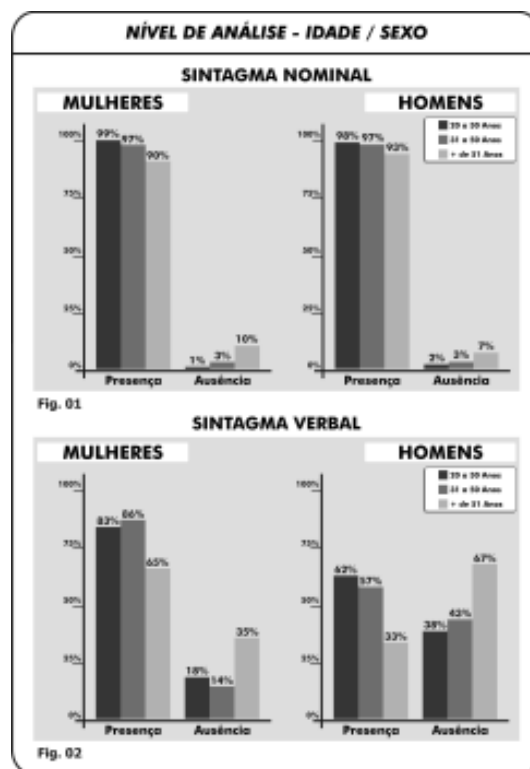
Com relação aos resultados do 2º grau, o índice de atuação da variante *presença de concordância* atingiu 81% (13 ocorrências) na fala das mulheres e apenas 37% (3 ocorrências) na fala dos homens. Um índice alto e quase semelhante foi registrado na fala de ambos os sexos no 3º grau, 81% (25 ocorrências) na fala das mulheres e 80% (8 ocorrências) na fala dos homens. Esses resultados indicam uma diferença no uso das variantes com relação ao sexo e o grau de escolaridade. Mulheres são mais

propensas a usar a variante padrão, que é a variante de prestígio na comunidade. E esse uso aumenta na medida em que aumenta o grau de escolaridade.

Portanto, observamos que os homens da comunidade cacerense utilizam bem mais a variante *ausência de concordância* na fala do que as mulheres. E essa variante está circunscrita principalmente na fala dos informantes do 1º e 2º graus.

A variação segundo o cruzamento das variáveis idade e sexo do informante

GRÁFICO 5: Frequência das ocorrências da variável dependente (*presença vs ausência de concordância*) em relação às Variáveis Idade e Sexo



Os resultados de frequência da variante *presença de concordância* da figura 1 apontam aparentemente para o alto uso da variante padrão na fala de ambos os sexos, diferenciando-se apenas no número de ocorrências. Na faixa etária de 20 a 30 anos, na fala das mulheres atingiu o índice de 99% (245 ocorrências) e na fala dos homens o índice foi de 98% (131 ocorrências). Na fala de ambos os sexos na faixa etária de 31 a 50 anos, atingiu o índice de 97%, diferenciando

apenas no número de ocorrências (189 na fala das mulheres e 197 na fala dos homens). Já os resultados dessa variante na fala dos informantes de + de 51 anos na fala das mulheres o índice atingiu 90% (153 ocorrências) e na fala dos homens 93% (103 ocorrências).

Com relação aos resultados da variante *ausência de concordância* da figura 1, temos para destacar que a única atuação representativa foi na faixa etária dos informantes com + de 51 anos, em ambos os sexos. Na fala das mulheres, o índice foi de 10% (17 ocorrências) e na fala dos homens (8 ocorrências). Nas demais faixas etárias, o índice ficou definido em torno de 1% a 3% de atuação da regra. Esse resultado é insignificante para a teoria da Sociolinguística.

Portanto, no nível do SN, a variável idade tem mais peso que a variável sexo; se compararmos os resultados gerais para sexo e idade, separadamente, vemos que homens e mulheres apresentam exatamente os mesmos índices de presença e ausência no SN. Já na variante idade, aparece uma diferenciação, embora pequena, segundo a idade, refletindo o resultado dessa variável, ou seja, os falantes mais velhos usam relativamente com maior frequência a variante não-padrão, sejam eles homens ou mulheres. Diante desses fatos, podemos considerar a atuação da variável idade como o condicionador principal no uso da variável padrão na fala da comunidade cacerense.

Com relação aos resultados da figura 2, os índices indicam a importante atuação da variante *presença de concordância* na fala da comunidade tanto em relação à fala das mulheres como na fala dos homens. Na primeira faixa etária, de 20 a 30 anos, a atuação da variante *presença de concordância*, o índice é de 83% (33 ocorrências) na fala das mulheres e 62% (5 ocorrências) na fala dos homens). Já na segunda faixa etária, de 31 a 50 anos, no uso da variante *presença de concordância*, o índice é de 86% (18 ocorrências) na fala das mulheres e 57% (8 ocorrências) na fala dos homens). A diferença está na atuação na faixa etária de + de 51 anos, que atingiu 65% (13 ocorrências na fala das mulheres) e 33% (4 ocorrências na fala dos homens).

Dessa forma, os resultados da variante *ausência de concordância* do gráfico 2 indicam um alto índice de uso dessa variante, principalmente na fala dos informantes com + de 51 anos. Na primeira faixa etária, o índice foi de

apenas 18% (7 ocorrências na fala das mulheres) e 38% (3 ocorrências na fala dos homens). Já na segunda faixa etária, o índice foi de 14% (3 ocorrências na fala das mulheres) e 43% (6 ocorrências na fala dos homens). A diferença está circunscrita na terceira faixa etária na fala das mulheres, que atingiu 35% (7 ocorrências) e 67% (8 ocorrências na fala dos homens).

Portanto, os resultados no nível do SV demonstram que as duas variáveis se mostram relevantes: mantém-se a diferença entre homens e mulheres – eles apresentam índices maiores de não-concordância, independentemente da idade. Mas a variável idade atua fortemente tanto sobre a fala feminina quanto masculina: há uma tendência clara a se ter índices maiores da variante não-padrão quanto mais velho for o informante.

É importante ressaltar que mesmo havendo essa diferença entre as faixas etárias atuando entre homens e mulheres, os dois sexos se diferenciam, porque com os homens observamos uma graduação crescente de uso da variante não-padrão: os falantes mais jovens usam menos essa variante que o grupo intermediário e estes menos que o grupo mais velho (embora haja um degrau mais acentuado de diferença: 24%).

Já com as mulheres, a diferença entre os dois primeiros grupos não é significativa do ponto de vista estatístico (4%). A grande diferença (em torno de 20%) se estabelece entre esses dois grupos e o terceiro (dos mais velhos).

Considerações finais

Nesta pesquisa optamos por estudar a frequência da variação na concordância nominal de gênero sob o enfoque da Sociolinguística, pois essa área do conhecimento afasta-se do tipo de análise que considera apenas categorias gramaticais para o entendimento das variantes linguísticas, estudando os fenômenos linguísticos a partir de uma perspectiva mais ampla. A Sociolinguística apreende a variação linguística em sua relação com o contexto social em que essa variação está inserida.

Os instrumentos teóricos e metodológicos da Sociolinguística foram decisivos para que pudéssemos mostrar a frequência da variação e identificar os condicionadores mais decisivos na aplicação da regra e constatamos: foram os sociais.

Desse modo, é possível uma caracterização dos contextos em que ocorre a variação na

concordância de gênero. O emprego da concordância, segundo a norma padrão, está, principalmente, circunscrito ao nível do SN, em que encontramos um alto índice de presença de concordância. Observa-se, por outro lado, que o cacerense utiliza a regra de concordância no SV com uma frequência bem menor que no SN; dessa forma, a regra não-padrão – *ausência de concordância*, na relação entre o predicativo e o sujeito da oração é muito mais utilizada, atingindo 30% de aplicação da regra.

Acreditamos, porém, que esse resultado poderá ser explicado pelo fato de que os falantes mais jovens estão mais expostos ao mercado profissional e, portanto, sofrem maior pressão normativa. É preciso considerar que uma grande parcela do mercado de trabalho dessa comunidade é mantida por migrantes das diversas regiões do país. Essas pessoas estranham não só o modo de falar da região, como os costumes e as tradições, estigmatizam a comunidade e acabam por desprestigiar a sua fala e forçar a mudança linguística. Portanto, os nativos tendem a perder os traços característicos da região, igualando-se a outras comunidades.

Com base nos resultados apresentados nesta pesquisa, acreditamos que a influência dos fatores *idade e escolaridade* foi determinante e nos levou a inferir que com essa incisiva atuação dos estabelecimentos de ensino, em um curto espaço de tempo, assistiremos à substituição total da variante regional pela variante padrão na fala da comunidade cacerense.

Os resultados obtidos nesta pesquisa mostram como os fatores socioeconômicos e culturais criam as condições para o início de um nivelamento linguístico, que tende a eliminar a marca característica da região, em função do padrão de realização da regra de concordância de gênero. Portanto, os padrões linguísticos não podem ser compreendidos apenas em termos de suas relações internas, mas devem ser considerados como parte de um contexto sociocultural mais amplo.

1 - Este artigo é parte dos resultados de um projeto de pesquisa financiado pela FAPEMAT.

2 - Mestre em Linguística e Língua Portuguesa pela UNESP e professora da área de Linguística da UNEMAT. E-mail: jocineidekarim@yahoo.com.br

Aceito para publicação em 01.06.2009

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMARAL, A. **O dialeto caipira**. São Paulo: Anhembi, 1920.

CARENO, M. do. **A linguagem rural do Vale do Ribeira: a voz e a vez das comunidades negras**. 1991. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Assis. 1991.

CINTRA, G. Transcrição da fala corrente: teoria e observação. In: GRUPO DE ESTUDOS LINGUÍSTICOS DO ESTADO DE SÃO PAULO, 21., 1992, Jaú. **Anais...** p. 614-620. v.1.

FERREIRA, C. et. al. **Diversidade do português do Brasil: estudos de dialetologia rural e outros**. 2.ed. rev. Salvador: Centro Editorial e Didático da UFBA, 1994.

LABOV, W. **The social stratification of English in New York City**. Washington, D.C.: Center of Applied Linguistics, 1966.

_____. **Sociolinguistic patterns**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972a.

_____. **Language in the inner city**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972b.

_____. **The social stratification of English in New York**. Washington, D.C.: Center for Applied Linguistics, 1996.

LUCCHESI, D. **A variação na concordância de gênero em uma comunidade de fala afro-brasileira: novos elementos sobre a formação do português popular do Brasil**. 2000, 364f. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

LUCCHESI, D.; MACEDO, A. A variação na concordância de gênero no português de contato do Alto Xingu. **Papiá**, Revista de Crioulos de Base Ibérica, n.9, p. 20-36, 1997.

MARCUSCHI, L. A. **Análise da conversação**. São Paulo: Ática, 1986.



MARROQUIM, M. **A língua do Nordeste:** Alagoas e Pernambuco. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1934.

MENDES, N. F. **A história de Cáceres.** Cáceres: [s.n.], 1973.

PALMA, M. L. C. **Variação fonológica na fala de Mato Grosso:** um estudo sociolinguístico. Cuiabá: Imprensa Universitária, 1984.

TARALLO, F. **A pesquisa sociolinguística.** São Paulo: Ática, 1997.

VEADO, R. M. A. **Comportamento linguístico do dialeto rural.** Belo Horizonte: UFMG/PROED, 1982.

